ESTRATÉGIAS PARA IDENTIFICAÇÃO DE DEPRESSÃO EM CÃES[1]

Strategies for identification of depression in dogs

BURNIER, Julia
Faculdade Jaguariúna

DE MATTEU, Oswaldo
Faculdade Jaguariúna

RIBEIRO, Karina A. R.
Faculdade Jaguariúna

Resumo: O apego emocional dos homens aos animais pode, em muitos casos, representar um grande perigo para os cães de estimação, ocasionando problemas como a depressão, uma doença pouco discutida pelos Médicos Veterinários e ignorada em muitas clínicas. Quando instalada, a depressão em cães apresenta características particulares que podem ser visualizadas através de sintomas e sinais, entretanto, não há até o momento nenhum tipo de protocolo padronizado para o diagnostico que possa ser utilizado pelos médicos veterinários. Este trabalho teve por objetivo testar um protocolo para identificação de depressão em cães a fim de possibilitar a criação de um método que possibilite o diagnóstico de depressão em cães em clinicas e hospitais veterinários. A metodologia utilizada se baseou na elaboração de um formulário denominado MEDIDEC (método de diagnóstico de depressão em cães) contendo diversas perguntas relacionadas ao comportamento do animal, visando à identificação e o diagnóstico de depressão em cães. As perguntas foram elaboradas na forma de múltipla escolha, sendo os formulários aplicados aos proprietários de cães que procuraram por clinicas e/ou hospitais veterinários localizados nas cidades de Campinas e Jaguariúna, interior de São Paulo, pelas mais diversas razões. Os proprietários responderam a perguntas relacionadas ao comportamento do animal, que abrangeram aspectos relacionados a alimentação, interação social e padrões de comportamento (medo, tristeza, entre outros). Através de análise estatística realizada pelo teste esferacidade de Bartellet e ACP para avaliação dos dados obtidos através do formulário MEDIDEC aplicados a 178 proprietários de cães, foi possível observar que houve significância (P>0,005) entre os fatores estilo de vida do animal (vida livre e/ou amarrado), isolamento social, convivência com outros animais, a falta de liberdade no ambiente (convivência apenas no interior ou no exterior da casa), apetite, o não aceite ao toque, tristeza, apatia e baixa interatividade com a existência da depressão. Dessa forma podemos concluir que os principais fatores relacionados ao desenvolvimento de depressão em cães correlacionam-se aos fatores de cunho social do animal e que o questionário MEDIDEC demonstrou ser uma boa ferramenta para a avaliação da depressão em cães.

Palavras-chaves: Depressão; Diagnóstico; Cães.

Abstract: The exagerated appeal from men to dogs can represent in same cases danger to the welfare and healthy of the animal resulting in a depression which is quite few discussed by the Veterinarian professional and still ignored in so many clinics.

[1] Declaro que um resumo derivado deste artigo foi previamente apresentado no XI CONPAVET, no ano de 2013 e publicado nos anais do congresso, v. 11, n. 2 (2013) ,da Revista de Educação Continuada em Veterinária e Zootecnia.

When the depression on dogs is installed it shows particular characteristic that can be seeing through the animal's syntoms and signs. Therefore, until this moment, any type of standard clinical protocol to identify of this disease was defined for veterinarian doctors. This studies had the objective of test a protocol that could be utilizate for veterinarian doctors in order to identify the depression in dogs and help in an efective way the animal diagnosis. The metodology used was based in elaborate a specific form named MEDIDEC – Dog's Depression Diagnosis Method - which content many kind of questions related to the animal behavior in order to diagnosis depression on dogs. The questions were elaborated as a multichoice ways and the forms were applied into a dogs owners that consulting their pets – for any different reasons - in clinics and hospitals located in Campinas city and Jaguariúna town both in the state of São Paulo, in the period of May and December in 2011. This owners answered questions related to their dog's behavior that include aspects relation through feeding, social interactios and behavior pattern (fear, sadness and others). Using the statiscal analyse originated by the Bartellet'spherecity test and ACP - for forms avaliation applied to 178 dog's owners that participate of the reasearch it was possible to observe that there was significance (P>0,005) between the animals' life style (free life and tied up), social isolationism, joined life with other animals and lacked of environment freedown acquaintanceship just inside ou outside home), appetite, not to avoid touch, sadness, apaty and low interactivity linked to existance of depression. The resulting of this studies could be possible to conclude that the first items related into the depression developing in dogs are linked in a issues of social's animals factors, therefore, with the recommendation that another phsic manifestations has been ignored that might be presented could contributet to the frame of depression the animal or not.

Key Words: Depression; Diagnostic; Dogs.

Introdução

O número de abordagens sobre o comportamento animal e sua relação com o desenvolvimento de doenças, bem como o contingente de profissionais, das mais diversas áreas, interessados em estudar e ampliar os conhecimentos da ciência acerca deste tema tem crescido a cada dia. Entretanto, ainda são poucos os estudos e informações disponíveis sobre a etiologia, prevenção e tratamento das doenças que estão, direta ou indiretamente, relacionadas ao comportamento animal (CIPRIANI, PERASSOLO, SUYENAGA, 2013).

Atualmente é possível notar que, muitas doenças que afetam o homem também têm sido observadas em algumas espécies animais. No entanto, ainda existem muitas controvérsias quanto ao real diagnóstico destas doenças, especialmente das doenças de cunho comportamental, como é o caso da depressão em cães (CIPRIANI, PERASSOLO, SUYENAGA, 2013), que ainda enfrenta bastante resistência por parte de alguns médicos veterinários em aceitá-la como uma doença.

A depressão é definida como um transtorno de humor ou afetivo, cuja perturbação fundamental é uma alteração do humor ou afeto e normalmente

acompanhada de uma alteração no nível global de atividade (GUIMARÃES & CUNHA, 2004) e pode ser caracterizada como um distúrbio mental que envolve dois principais fatores: um conflito interno, decorrente de fatores psíquicos, orgânicos e sociais, e uma alteração bioquímica que ocorre no cérebro e envolve neurotransmissores como a noradrenalina, serotonina e a dopamina, que por sua vez, podem influenciar nas emoções e no humor (desequilíbrio orgânico) (GUARIENTE, 2002). Esses distúrbios comportamentais decorrentes de alterações nos neurotransmissores podem ser modificados através da administração de determinadas drogas (LANDSBERG, HUNTHAUSEN, ACKERMAN, 2005), os antidepressivos.

Em seres humanos, a depressão possui um tempo de duração de, no mínimo, duas semanas, a partir do momento em que o indivíduo começa a manifestar os sintomas como perda de interesse, isolamento, sono perturbado, apetite diminuído, tristeza, ansiedade, apatia, medo, entre outros. No entanto, nem sempre esses sintomas estão todos presentes no mesmo paciente. Atualmente, o diagnóstico da doença e sua gravidade, leve, moderada e/ou grave, é feito com base no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Forth edition (DSM-IV)* (GUIMARÃES & CUNHA, 2004) que se baseia em análises subjetivas do histórico dos sintomas emocionais e comportamentais manifestados pelo paciente. Até o momento não há nenhum tipo de exame clínico físico ou laboratorial para o diagnóstico de depressão.

Nos últimos 25 anos, se tornou comum aos veterinários receberem cães com problemas comportamentais, principalmente devido à mudança do papel do cão na sociedade (BEAVER, 2001). Existem inúmeras causas para esses problemas comportamentais, porém a principal delas é a má interação entre os proprietários e seus animais, o que pode predispor ou agravar os transtornos de comportamento. Dessa forma, é de grande importância prevenir e entender os diversos problemas comportamentais dos cães (SPILLER, MORETTO, 2012).

Tal como acontece nos homens, grandes mudanças na vida de um cão também podem levá-lo ao desenvolvimento de um quadro de depressão, entre elas a mudança de rotina, lar, a introdução de um novo membro na família e/ou mesmo a perda de alguém próximo, tal como as pessoas mais envolvidas com o dia a dia do animal (BEAVER, 2013).

Os sintomas da depressão em cães podem compreender apatia, inatividade, mudança no hábito de se alimentar e de dormir, isolamento social, tal como deixar de fazer o que lhes dava prazer (passear e brincar, por exemplo), ansiedade, medo, fobia e desordens obsessivas compulsivas (BEAVER, CIRIBASSI & SUEDA 2013; BURNIER, 2005). Entretanto, deve-se ter atenção quanto aos sintomas, pois ainda que presentes podem estar relacionados com alguma outra doença, como por exemplo, artrites e hipotireoidismo, sendo fundamental que o médico veterinário exclua tais possibilidades antes de classificar o quadro comportamental do animal (BEAVER, 2013).

Assim como na medicina humana, não há nenhum exame físico ou laboratorial que seja capaz de diagnosticar a depressão em cães e sua identificação tem se baseado unicamente no histórico comportamental relatado pelos proprietários, o que dificulta a identificação da doença, que não conta com nenhum tipo de padronização e auxílio na identificação e classificação dos sintomas.

Com base na escassez de estudos acerca da depressão em cães e na dificuldade do diagnostico, uma vez que não há até o presente momento, nenhum protocolo veterinário para a caracterização da doença, este trabalho teve por objetivo testar um protocolo para identificação de depressão em cães, a fim de, possibilitar a criação de um método que auxilie no diagnóstico da doença pelos médicos veterinários.

Material e Método

Uma vez que não há, até o presente momento, nenhuma forma objetiva para a identificação da depressão em cães, o parâmetro escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi o método utilizado por médicos para o diagnóstico em seres humanos, através da avaliação do comportamento e da associação dos sintomas. Assim, foi desenvolvida uma metodologia que se baseou na elaboração de um questionário, denominado MEDIDEC (Método de Diagnóstico de Depressão em Cães) (APÊNDICE 1), contendo diversas perguntas relacionadas ao comportamento do animal, visando à identificação e o diagnóstico de depressão em cães. As perguntas foram elaboradas no formato de múltipla escolha.

O questionário foi aplicado a 200 proprietários de cães aleatórios das mais diversas faixas sociais que procuraram por clinicas e/ou hospitais veterinários localizados nas cidades de Campinas e Jaguariúna, interior de São Paulo, pelas mais diversas razões e não houve nenhum critério de inclusão ou exclusão.

Durante a aplicação da pesquisa, os proprietários responderam voluntariamente a perguntas relacionadas ao comportamento do animal, que abrangeram aspectos sobre a alimentação, a interação social e aos padrões de comportamento (medo, tristeza, entre outros) do animal e por último se havia ou já houve em algum momento, a suspeita de depressão.

Após a coleta de todos os dados, as respostas dos questionários foram transcritas em uma planilha do EXCEL e os resultados foram avaliados através de análise estatística realizada pelos Testes de Esferacidade de Bartellet e pelo ACP.

Resultado e Discussão

Do total de 200 questionários, 24 foram retirados da pesquisa, pois os cães apresentavam alguma enfermidade que poderia ser confundida com depressão, ou seja, muitos dos sintomas ou sinais apresentados poderiam coincidir com os sintomas da depressão, tendo sido, ao final, avaliados 176 cães das mais diversas raças, idades e sintomatologia.

Através de análises estatísticas foi possível observar que houve significância ($p>0,05$) do estilo de vida do animal (livre ou amarrado), convivência com outros animais e falta de liberdade no ambiente (convivência apenas no interior ou exterior da casa) com a suspeita da depressão por parte do proprietário.

Associado a estes fatores de âmbito social, também foram observados em 13 (treze) cães a presença de 5 (cinco) ou mais fatores que quando associados tal como em humanos, relacionam-se a depressão, entre eles: tristeza, perda de apetite, não aceite ao toque, medo, apatia, isolamento e baixa interatividade. Estes mesmos cães viviam amarrados e sem contato com o interior da casa dos proprietários (Figura 1). Todos os fatores que demonstraram significância estão relacionados com a vida social do cão e sua interação com o homem ou outros animais.

Segundo Beaver (2001), aproximadamente 90% dos proprietários de cães sentem que o animal é quase é um membro da família. Pesquisa realizada nos EUA demonstrou que 54% dos proprietários que são emocionalmente dependentes de seus animais, também levam os animais a desenvolverem grandes laços emocionais com seus donos, propiciando assim o desenvolvimento de situações de estresse, ansiedade, e até mesmo depressão. Ainda segundo o autor, não se sabe se os cães sofrem de depressão da mesma forma que os seres humanos, no entanto, ela não é tão diferente entre as espécies, como descreveu *Seligman* e *Mayer* na década de 70 ao demonstrarem que os animais que eram classificados como portadores do desamparo aprendido, definida como a dificuldade de aprendizagem apresentada pelo animal que tiveram experiência prévia com estímulos incontroláveis, também possuíam alterações bioquímicas iguais a pessoas depressivas (BEAVER, 2013; HUNZIKER, 2005).

Há uma tendência dos profissionais da psicologia em caracterizar os estados comportamentais de apatia e isolamento dos animais como um caso de desamparo aprendido, entretanto, ainda que não lhes seja usual o emprego do termo depressão aos animais, no caso, aos cães, a teoria do desamparo aprendido não é suficientemente capaz de explicar todos os casos de alterações comportamentais que refletem inclusive em modificações fisiológicas em cães domésticos (HUNZIKER, 2005).

Como descrito por Guariente (2002), a depressão é um distúrbio mental que envolve fatores psíquicos, orgânicos e sociais, ou seja, pode-se dizer que é uma doença multifatorial, o que podemos observar na diversidade de correlações entre sintomas encontrados neste trabalho (Quadro 1).

A tristeza, considerada como um dos primeiros sinais de um transtorno de humor, normalmente desvinculada de uma causa aparente nos indivíduos depressivos, é um sentimento que faz parte da vida de todas as pessoas, contudo, o depressivo não consegue manter uma atividade laboral ou afetiva da forma como deveria, e tende a se isolar nesta circunstância. Já o isolamento animal quase sempre ocorre devido a alguma alteração ambiental, por exemplo, a impossibilidade do animal de se evadir de uma situação pode provocar o isolamento.

Diferentemente do descrito por BURNIER (2005), os resultados obtidos

neste trabalho não demonstraram significância no que diz respeito ao desenvolvimento da depressão em cães com sintomas de transtorno obsessivo compulsivo e/ou trauma psicológico anterior.

Quadro 1: Fatores que quando correlacionados apresentam significância na sintomatologia da depressão em cães.

	Solto/amar.	Liberdade	Tempo Sozinho	Ração/comida	Isolamento	Conv. Animal	Terap. alternat	Doença pré ex	Apatia	Apetite	Trauma	Tristeza	Medo	Baixa Interat.	Toque	ObsCompuls
Solto/amar.*																
Liberdade						**■**				**■**					**■**	
Tempo Sozinho																
Ração/comida					**■**			**■**	**■**			**■**		**■**		
Isolamento				**■**					**■**	**■**	**■**	**■**	**■**	**■**		
Conv. Animal*		**■**														
Terap. Alternat*														**■**		
Doença pré ex.*				**■**					**■**	**■**						
Apatia				**■**	**■**			**■**		**■**		**■**		**■**		
Apetite		**■**			**■**			**■**	**■**			**■**		**■**		
Trauma					**■**								**■**			
Tristeza				**■**	**■**				**■**				**■**	**■**		
Medo					**■**	**■**					**■**	**■**				
Baixa Interat.*				**■**	**■**				**■**	**■**		**■**				
Aceita toque		**■**														
ObsCompuls*																

*As palavras abreviadas correspondem, na sequência, aos fatores:

Solto/amar = solto e amarrado; Conv. Animais = convivência com outros animais; Terap. Alternat = terapia alternativa; Doença Pré ex = doença pré existente; Baixa interat = baixa interatividade; Obs compuls = obsessivo compulsivo

Os quadrados em negrito mostram a correlação entre sintomas

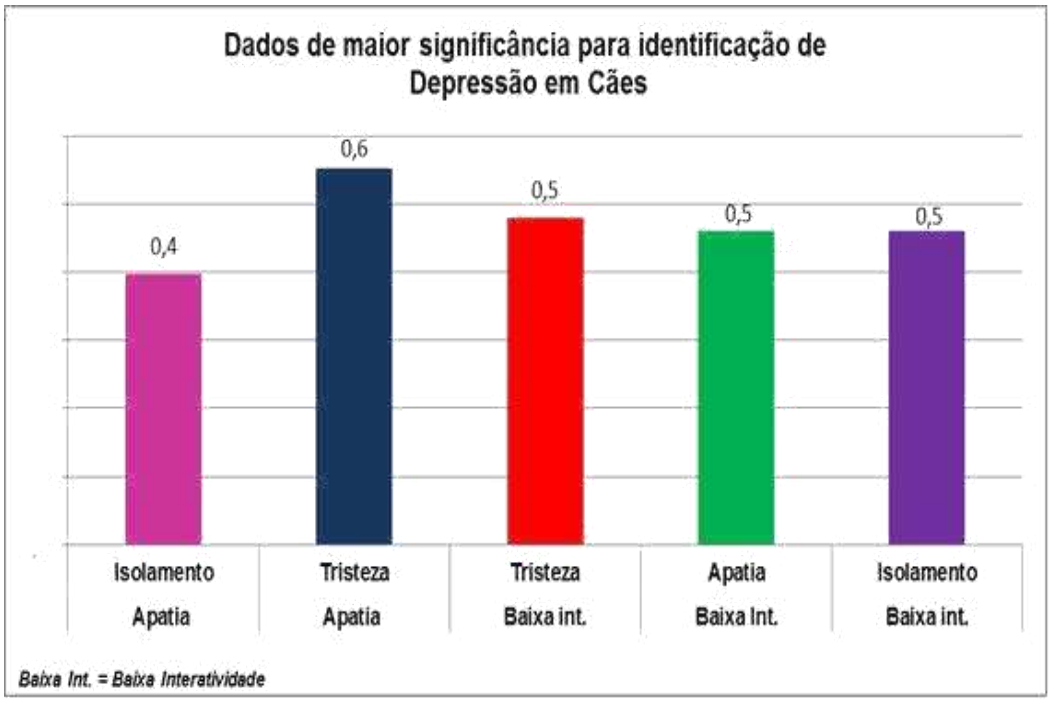

Figura 1: Gráfico com a representação dos fatores que mais se correlacionam com a incidência de depressão em cães. Os números acima das barras correspondem aos valores de p>0,005, nível de significância estatístico.

Ainda que hajam disponíveis uma quantidade muito limitada de estudos que tenham buscado identificar a depressão em cães, o que dificulta sobremaneira a comparação e discussão dos resultados apresentados, a terapêutica da doença apresenta uma gama maior de informações.

O tratamento da depressão em cães consiste em dar mais atenção, carinho e estímulos para que o animal volte a fazer aquilo que gostava (CIRIBASSI, 2013). Entretanto, se tais métodos não funcionarem, o tratamento deve ser com medicamentos antidepressivos (NETWORK, 2010; BEAVER, CIRIBASSI & SUEDA, 2013). Alguns dos principais antidepressivos são os Tricíclicos que possuem como substâncias ativas a Amitriptilina e Clomipramina Anafranil; os IMAOs que são inibidores da monoamina oxidase e os ISRS, inibidores seletivos na recaptação da serotonina (DALE, 2009). Na grande maioria das vezes, os mais usados para cães são Paxil (cloridrato de paroxetina), Prozac (fluoxetina), Zoloft (cloridrato de sertralina), homeopatias e florais de Bach (BEAVER, CIRIBASSI & SUEDA, 2013).

Diferentemente das pessoas que tomam o remédio por vários anos, os cães com depressão devem ser medicados entre 6 e 12 meses e após, a droga já pode ser retirada do tratamento (BEAVER, 2013).

Segundo Landsberg, Hunthausen e Ackerman (2005), a escolha da droga deve ter um diagnóstico preciso do problema comportamental do animal. Assim o médico veterinário deve diferenciar depressão canina de outros problemas comportamentais, como é o caso da Síndrome ansiedade e separação em cães (SAS) (SOARES, TELHADO, PAIXÃO, 2009).

Outra forma de auxiliar no tratamento é a utilização de musicoterapia para cães depressivos. Aparentemente músicas de Mozart tem demonstrado diminuir a frequência cardíaca e respiratória dos cães, deixando-os mais tempo relaxados, calmos diante de visitas e mais descansados (TAKABATAKE, 2007). Sueda (2013) diz que é importante que as pessoas lidem com o problema dos seus animais antes que eles piorem e necessitem de tratamento farmacológico.

Considerações Finais

Através deste estudo, foi possível concluir que o questionário MEDIDEC demonstrou ser uma boa ferramenta para a identificação da depressão em cães, pois por meio do mesmo foi possível observar a correlação entre os cães cujos donos relataram suspeita de depressão com uma série de fatores de cunho social do animal, identificados através do questionário, que estão estatisticamente relacionados à depressão. Acreditamos que o MEDIDEC é seguro e que sua aplicação em novos estudos clínicos e epidemiológicos sobre a depressão em cães poderá contribuir para a padronização de um método de diagnóstico bastante eficiente, que poderá ser aplicado rotineiramente pelos médicos veterinários, aumentando assim as possibilidades de identificação, tratamento e compreensão desta doença ainda pouco conhecida e subdiagnosticada pelos profissionais da área.

Referências Bibliográficas

BEAVER, B. **Comportamento canino:** um guia para veterinários. São Paulo: Roca, 2001. 14 p.

BEAVER, B.; CIRIBASSI, H.; SUEDA, M. **Depression in Dogs.** Disponível em: <http://pets.webmd.com/dogs/features/depression-in-dogs>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BURNIER, R. Depressão em cães. **Melhor Amigo**, São Paulo, v. 52, n. 8, p.25-27, 03 maio 2005.

CINTRA, B. **Tipos de depressão.** Disponível em: <http://biacintra.blogspot.com/2008/07foi-hipocrates-o-primeiro-fazer-relatos.html>. Acesso em: 04 jan. 2010.

CIPRIANI, C.; PERASSOLO, M.; SUYENAGA, E. Tratamento farmacológico da ansiedade em cães - revisão. **Clínica Veterinária**, São Paulo, n. 102, p.36-47, 2013. Bimestral.

COLLIN, C.; *et al*. **O Livro da Psicologia.** São Paulo: Globo S.A., 2012. 352 p.

DALE, R. **Farmacologia.** sexta edição Salvador: Roca, 1999. 612 e 613 p.

SOARES, A.; TELHADO, E.; PAIXÃO, J. Síndrome da ansiedade e separação em cães. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 39, n. 3, p.16-19, 10 maio 2009.

GONÇALES, C.A.V.; MACHADO, A.L. Depressão, o Mal do Século: de que século? **Enferm**, Rio de Janeiro, p.298-304, 04 nov. 2006.

GUARIENTE, J.C.A. **Depressão:** dos sintomas ao tratamento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GUIMARÃES, R.M.; CUNHA, U.G.V. **Sinais e sintomas em geriatria**. São Paulo: Atheneu, 2004.

HUNZIKER, M.H.L. O Desamparo Aprendido Revistado: Estudos com Animais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, p.131-139, 08 ago. 2005.

LANDSBERG, G; HUNTHAUSEN, W; ACKERMAN, L. **Problemas Comportamentais do cão e do gato.** segunda edição São Paulo: Roca, 2005. 107 p.

NETWORK, Dogtime Media (Org.). **Dog Depression.** Disponível em: <http://dogtime.com/depression.html>. Acesso em: 06 jan. 2010.

SPILLER, P.; MORETTO, V. Estudo descritivo sobre síndrome de ansiedade de separação em cães. **Clínica Veterinária**, São Paulo, n. 101, p.56-62, nov. 2012.

TAKABATAKE, E. Y. **Musicoterapia para cães com depressão.** 2007. 37 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Musicoterapia, Faculdade Paulista de Artes, São Paulo, 2007.

Agradecimentos

À nossa orientadora, Karina A. R. Ribeiro, pelo auxílio e paciência, aos nossos pais e familiares, pelo apoio e dedicação, e pelos proprietários, clinicas e hospitais veterinários pela ajuda na realização desse trabalho.

WHERE THERE´S A WILL, THERE´S AWAY *- Autor desconhecido.*

Julia Jordy Penido Burnier
Endereço: Av. San Conrado, 702, Campinas–SP
Telefone: (19) 9820-3225
E-mail: julia_burnier89@hotmail.com

Oswaldo Luiz De Matteu
Endereço: João Voltan, 170, Jaguariúna – SP
Telefone: (19) 9356-7652
E-mail: de_matteu@hotmail.com